

ilusões perfeitas

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para as miúdas de Greenbrier:
JoAnne, parceira de treino;
Kat, minha doce mamã;
Laura, organizadora de tudo;
Mary, compincha de compras;
Sarah, íman espiritual.*

PRIMEIRA PARTE

A CRUELDADE
DAS MENTIRAS

A crueldade e o medo andam de mãos dadas.

— HONORÉ DE BALZAC

O abuso na infância ensombra uma vida inteira.

— HERBERT WARD

Capítulo Um

Do lado de fora, a casa de Lakeview Terrace parecia perfeita. Os majestosos três pisos em tijolo castanho-claro ostentavam amplas janelas com vistas para o Reflection Lake e as Montanhas Blue Ridge. Duas falsas torretas coroadas de cobre conferiam um encanto europeu e aquele subtil ar de prosperidade.

O relvado, um intenso manto verde, subia suavemente em direção a um trio de degraus e ao amplo alpendre branco, orlado por azáleas que na primavera floresciam em tom vermelho-rubi.

Nas traseiras, um generoso pátio coberto proporcionava um espaço de lazer exterior com uma cozinha de verão e a encantadora vista do lago. O roseiral cuidadosamente preservado inundava o ar de um sofisticado aroma doce. Na época própria, um veleiro de doze metros flutuava serenamente no cais privado.

Rosas trepadeiras suavizavam o aspeto das longas tábuas verticais da vedação que conferia privacidade.

A garagem anexa albergava um sedã e um SUV *Mercedes*, duas bicicletas de montanha, equipamento de esqui, e nenhuma desarrumação.

No interior da casa, os tetos eram altíssimos. Tanto a formal sala de estar como o salão tinham lareiras emolduradas com o mesmo tijolo castanho-dourado do exterior. A decoração de bom gosto, embora alguns pudessem considerar *estudada*, refletia a visão do casal responsável. Cores discretas, tecidos coordenados, contemporânea sem resvalar para o austero.

O Dr. Graham Bigelow havia comprado o lote na urbanização de Lakeview Terrace, ainda em fase de projeto, quando o filho tinha cinco anos e a filha três. Escolhera a planta que lhe parecera mais adequada a si e respetiva família, fizera as alterações e os acrescentos necessários, escolhera os acabamentos, os soalhos, os azulejos, e contratara um decorador.

A mulher, Eliza, tinha todo o prazer em deixar para o marido a maior parte das escolhas e das decisões. Na sua opinião, o gosto dele era irrepreensível.

Quando ela tinha uma ideia ou sugestão, ele ouvia-a. Ainda que, na maioria das vezes, ele lhe fizesse ver por que motivo uma ideia ou sugestão não se adequava, ocasionalmente aceitava o seu contributo.

Tal como Graham, Eliza queria a novidade, o prestígio oferecido pela pequena e exclusiva comunidade do lago, na região montanhosa de High Country, na Carolina do Norte. Ela nascera e fora criada no seio de uma família de elevado estatuto, mas tradicionalista, que lhe parecia antiquado e chato. Como a casa em que havia crescido, do outro lado do lago.

Havia vendido, com todo o gosto, a sua parte da velha casa à irmã e usado o dinheiro para ajudar a mobilar — tudo novo! — a casa em Lakeview Terrace. Entregara, sem hesitar, o cheque a Graham, pois era ele quem cuidava das coisas.

Nunca se arrependera.

Haviam sido felizes na casa do lago durante quase nove anos, educando duas crianças inteligentes e encantadoras, organizando jantares, *cocktails* e festas de jardim. O dever de Eliza, enquanto mulher do chefe de cirurgia do Mercy Hospital, era estar bonita e elegante, educar bem os filhos, cuidar da casa, receber os convidados e presidir a comités.

Como tinha uma governanta/cozinheira três vezes por semana, um jardineiro semanal e uma irmã que tinha todo o prazer em ficar com as crianças quando ela e Graham precisavam de sair uma noite ou de uma escapadinha, ela tinha muito tempo para se concentrar na sua aparência e no seu guarda-roupa.

Nunca faltava a um compromisso escolar e, na verdade, havia sido presidente da associação de pais durante dois anos. Assistia às peças de teatro da escola, juntamente com Graham se o trabalho não o impedisse. Dedicava-se à recolha de fundos, tanto para a escola como para o hospital. Desde os quatro anos de Britt, sentava-se no centro da primeira fila em todas as exposições de *ballet*.

Também assistia a quase todos os jogos de basebol do filho Zane. E se faltava a algum, tinha desculpa, como qualquer pessoa que tivesse assistido ao entediante pesadelo que era um jogo de basebol infantil compreenderia.

Embora nunca o admitisse, Eliza preferia a filha. Britt era uma menina tão bonita, doce e obediente. Nunca precisava de ser instigada a fazer os trabalhos de casa nem a arrumar o quarto, e era educadíssima. Em Zane, Eliza via a irmã Emily. A tendência para discutir ou amuar, para se isolar.

Ainda assim, o menino tinha boas notas. Se queria jogar basebol, tinha de estar no quadro de honra. Como era óbvio, a sua ambição para jogar a

nível profissional não passava de uma fantasia de adolescência. Ele iria, evidentemente, estudar Medicina como o pai.

Mas, por enquanto, o basebol servia de incentivo para todos eles evitarem o bordão.

Se Graham tinha de sacar desse bordão e castigar o menino de vez em quando, era para o bem dele. Ajudava a construir o seu caráter, ensinava limites, garantia respeito.

Como Graham gostava de dizer, «a criança é o pai do homem», portanto a criança tinha de aprender a seguir as regras.

Dois dias antes do Natal, Eliza voltava a casa de carro pelas ruas de Lakeview limpas de neve. Havia tido um agradável almoço com amigas e talvez tivesse bebido uns golinhos a mais de champanhe do que deveria, mas queimara isso fazendo compras. No dia 26 de dezembro, a família faria a sua viagem anual para esquiar. Ou, melhor, Graham e os miúdos esquiariam enquanto ela usufruía do *spa*. Agora tinha um par de botas novas maravilhosas para emalar juntamente com alguma roupa interior que faria Graham aquecer quando regressasse das pistas.

Olhou para as casas em redor, para as decorações natalícias. *Muito bonitas*, pensou. A associação de proprietários não autorizava Pais Natais insufláveis em Lakeview Terrace.

Mas, modéstia à parte, a sua casa suplantava as restantes. Graham dava-lhe carta branca no que tocava às decorações de Natal e ela usava-a sabiamente.

As luzes brancas brilhariam quando anoitecesse, contornando as linhas perfeitas da casa e enlaçando os abetos envasados na varanda da frente, pensou. Cintilando no interior das coroas gémeas, com as suas fitas vermelhas e prateadas, penduradas nas portas duplas.

E, evidentemente, as luzes brancas da árvore da sala de estar, com três metros e meio de altura, e as suas estrelas prateadas e vermelhas. A árvore do salão, com o mesmo esquema de cores, mas com anjos. E, claro, as lareiras e a formal mesa de jantar; tudo decorado com bom gosto, perfeito.

E diferente todos os anos. Não havia necessidade de empacotar e guardar quando se podia contratar uma empresa para vir buscar tudo depois.

Ela nunca havia compreendido o prazer que os pais e Emily tinham em desenterrar antiquadas bolas de vidro ou toscos Pais Natais de madeira. Poderiam ter tudo isso quando visitassem Emily na casa antiga. Eliza receberia todos para o jantar de Natal, claro. Depois, graças a Deus, os pais regressariam a Savannah para desfrutarem da sua aposentação.

Emily era a filha preferida, pensou ela enquanto abria a porta da garagem com o comando à distância. Quanto a isso, não havia dúvida.

Sobressaltou-se ao ver o carro de Graham já na garagem e olhou para as horas. Soltou um suspiro de alívio. Não estava atrasada; ele é que tinha chegado a casa mais cedo.

Encantada, principalmente porque naquele dia seria outra pessoa a ir buscar as crianças à escola, agarrou nos sacos de compras.

Entrou pela lavandaria, pendurou o casaco, dobrou o cachecol e descalçou as botas antes de enfiar os *Prada* rasos pretos que usava por casa.

Quando entrou na cozinha, viu Graham, ainda de fato e gravata, junto à ilha central.

— Chegaste a casa mais cedo! — Depois de pousar os sacos no balcão da pia, aproximou-se rapidamente dele, beijou-o levemente.

Ele cheirava, levemente como o beijo, a *Eau Sauvage* — o perfume preferido dela.

— Onde estavas?

— Oh, eu tinha aquele almoço de Natal com a Miranda e a Jody, lembra-te? — Apontou vagamente para o calendário de família no recanto de atividades. — Depois fomos às compras. — Enquanto falava, Eliza foi ao frigorífico buscar uma garrafa de *Perrier*. — É impressionante a quantidade de gente que ainda anda às compras de Natal. Incluindo a Jody — disse ela, tirando um pouco de gelo da máquina para dentro de um copo e vertendo a água gaseificada por cima. — Sinceramente, Graham, parece que ela não se consegue organizar...

— Achas que eu me importo uma porra com a Jody?

A voz calma e suave dele, quase agradável, fez disparar os alarmes.

— Claro que não, meu querido. Estou só a comentar. — Eliza manteve o sorriso no rosto, mas os seus olhos assumiram uma expressão de receio. — Porque não te sentas e relaxas? Eu encho-te o copo e podemos...

Ele atirou o copo, escaqueirando o vidro junto aos pés dela. Um dos cacos lavrou-lhe um corte superficial no tornozelo, que ardeu quando foi salpicado pelo uísque derramado.

O Baccarat, pensou ela com um ligeiro *frisson*.

— Enche isso! — vociferou ele num tom nada calmo nem suave, e de modo nenhum agradável. — Eu passo o dia com as mãos enfiadas num ser humano, a salvar vidas, e quando chego a casa, encontro-a vazia?

— Lamento. Eu...

— *Lamentas?* — Ele agarrou-lhe o braço, torcendo-lho enquanto a

empurrava contra o balcão. — *Lamentas* não te teres dado ao trabalho de estar em casa? *Lamentas* ter desperdiçado o dia, e o meu dinheiro, a almoçar, às compras e a mexericar com aquelas cabras idiotas, enquanto eu passava seis horas na sala de operações?

Eliza começou a ter dificuldade em respirar, o seu coração a bater com força. — Eu não sabia que chegarias mais cedo a casa. Se me tivesses telefonado, eu teria vindo imediatamente para casa.

— Agora tenho de te comunicar o que faço?

Eliza mal conseguiu ouvir as restantes palavras que lhe foram vociferadas. *Ingrata, respeito, dever*. Mas ela conhecia aquele olhar, aquela aparência de anjo vingador. Os cabelos louro-escuros, perfeitamente penteados; o rosto atraente ruborizado pela fúria. A raiva naqueles intensos olhos azuis tão frios.

O *frisson* que ela sentia converteu-se em choques elétricos.

— Estava no calendário! — disse ela com voz esganiçada. — Eu disse-te esta manhã.

— Achas que tenho tempo para olhar para o teu calendário ridículo? Tens de estar em casa quando eu entro pela porta. Entendeste? — Voltou a empurrá-la com violência contra o balcão, provocando-lhe uma dor brusca coluna acima. — Sou responsável por tudo o que tens. Esta casa, a roupa que vestes, a comida que comes. Pago a uma pessoa para cozinhar e limpar, para poderes estar disponível quando eu mando! Eu mando. Para que estejas em casa quando eu entro pela porta. Para que abras as pernas quando eu quiser foder-te.

Para o demonstrar, apertou contra ela a sua ereção.

Ela deu-lhe uma bofetada. Mesmo sabendo o que aconteceria depois, talvez por causa do que aconteceria depois — ela deu-lhe uma bofetada.

A raiva dele passou de fria a inflamada.

Arreganhou os dentes e espetou-lhe um soco no abdómen.

Ele nunca a agredia no rosto.

Aos catorze anos de idade, Zane Bigelow dedicava-se de coração e alma ao basebol. Ele gostava de raparigas, gostava de as ver nuas desde que o seu amigo Micah lhe havia mostrado como contornar os controlos parentais no seu computador. Mas o basebol continuava a estar no topo da sua lista.

Era a sua prioridade.

Alto para a sua idade e um tanto desengonçado, ansiava acabar os estudos

e ser descoberto por um olheiro dos Baltimore Orioles; contentar-se-ia com qualquer equipa da Liga Americana, mas essa era a sua primeira escolha.

Sem dúvida, a sua preferida.

Jogaria entre a segunda e a terceira bases; nessa altura o fantástico Cal Ripken já se teria retirado. Além disso, Ripken, o Homem de Ferro, ocupava a terceira base.

Eram estas as ambições de Zane. E ver uma rapariga nua... em carne e osso.

No SUV *Lexus* da Sra. Carter, mãe de Micah, que levava de volta a casa o grupo que fora buscar à escola, não havia ninguém mais feliz que Zane Bigelow. Ainda que no rádio Cher cantasse «*life after love*».

Ele não era apaixonado por carros... ainda; tinha apenas o conhecimento inato de qualquer miúdo. E preferia *rap* (não que pudesse ouvi-lo em casa).

Mas mesmo com Cher a cantar, com a irmã e as outras duas miúdas a falarem esganiçadamente do Natal e Micah absorto a jogar *Donkey Kong* no seu *Game Boy* (Micah desejava desesperadamente receber o novo *Game Boy Color* no Natal), Zane não podia estar mais feliz.

Dez dias sem escola! Nem mesmo a ideia de ser obrigado a fazer esqui — que não era o seu desporto favorito, principalmente quando o pai estava constantemente a salientar que a sua irmã mais nova esquiava muito melhor do que ele — conseguiria estragar-lhe o humor.

Dez dias sem matemática. Ele odiava matemática como odiava salada de espinafre; o que era muito.

A Sra. Carter encostou para deixar sair Cecile Marlboro. Seguiu-se a habitual agitação, arrastamento de mochilas, os gritinhos estridentes das raparigas.

Tinham todas de se abraçar, por causa das férias de Natal.

Por vezes tinham de se abraçar por ser, tipo, terça-feira ou assim. Ele nunca entenderia.

Gritaram todos «Feliz Natal»; gritariam «Boas Festas» quando deixassem Pete Greene, porque ele era judeu.

Quase em casa, pensou Zane, vendo as casas passar. Decidiu que prepararia um lanche e depois — como não tinha trabalhos de casa, nem a maldita matemática — fechar-se-ia no quarto e passaria uma hora a jogar *Triple Play* na sua *PlayStation*.

Ele sabia que Lois — que estaria de folga até regressarem da estância de esqui — planeava fazer lasanha antes de partir para passar o Natal com a família. E a lasanha de Lois era espetacular.

A mãe teria de ligar o forno para a aquecer, mas ela dava conta disso.

Melhor ainda, a avó e o avô chegariam de Savannah no dia seguinte. O seu desejo era que pudessem ficar hospedados em sua casa e não em casa da tia Emily, mas a sua intenção era ir de bicicleta até à velha casa do lago na tarde seguinte e passar lá um bocado. Poderia convencer Emily a fazer biscoitos; nem sequer teria de se esforçar muito para isso.

E iriam jantar todos a sua casa na noite de Natal. A mãe nem sequer teria de ligar o forno. A refeição seria de *catering*.

Depois do jantar, Britt tocava piano — ele era péssimo a tocar piano, mais uma coisa que o pai criticava regularmente — e cantariam todos juntos.

Piroso, muito piroso, mas ele até gostava. Além disso, ele cantava bastante bem por isso não era criticado.

Quando o carro parou diante da sua casa, Zane chocou punhos com Micah.

— Feliz Natal, meu.

— Igualmente, meu — disse Micah.

Enquanto Britt e Chloe se abraçavam como se não fossem ver-se durante um ano, Zane saiu. — Feliz Natal, Chloe. Feliz Natal, Sra. Carter, e obrigado pela boleia.

— Feliz Natal, Zane, e não tens de agradecer. — Lançou-lhe um sorriso e fitou-o nos olhos. Era uma mãe muito bonita.

— Obrigada, Sra. Carter, e Feliz Natal — disse Britt quase a cantar. — Eu ligo-te, Chloe!

Zane pendurou a mochila num ombro enquanto Britt saía do carro. — Para que é que lhe vais ligar? O que mais podem ter para falar? Não se calaram nem um segundo durante todo o caminho para casa.

— Temos muitas coisas para falar.

Britt, que tinha menos um palmo de altura do que Zane, partilhava com ele o tom de pele, os cabelos escuros — os de Britt chegavam quase à cintura e estavam presos com ganchos enfeitados com hastes de rena — e os intensos olhos verdes. O seu rosto era ainda arredondado e infantil, enquanto que o dele se havia tornado angular. Porque, dizia Em, ele estava a crescer.

Não que precisasse de fazer a barba, nada disso; embora verificasse cuidadosamente todos os dias.

Como era sua irmã, Zane sentia-se na obrigação de implicar com Britt. — Mas vocês não conversam nada de jeito. Só sabem dizer, «ooh, o Justin Timberlake». — Começou a fazer ruídos de beijos, fazendo-a corar.

Zane sabia que Timberlake era a sua paixoneta «não-muito-secreta».

- Cala-te!
- Cala-te tu.
- Cala-te tu.

Não se calaram até chegarem ao alpendre. Nessa altura começaram a trocar olhares hostis, dado que ambos sabiam que se entrassem a discutir e a mãe os ouvisse, seguir-se-ia um sermão infundável.

Zane tirou a chave do bolso, visto que o pai havia decretado que a porta se mantivesse sempre trancada, quer estivesse alguém em casa quer não. Assim que começou a abrir a porta, ouviu.

A expressão hostil desapareceu do rosto de Britt. Os seus olhos esbugalharam-se, encheram-se de medo e lágrimas. A menina tapou rapidamente os ouvidos com as mãos.

- Sobe — disse-lhe Zane. — Vai para o teu quarto. Fica lá.
- Ele está a magoá-la outra vez. Ele está a magoá-la.

Em vez de correr para o seu quarto, Britt correu em direção ao salão e deteve-se, sem tirar as mãos dos ouvidos. — Para! — gritou ela. — Para, para, para, para.

Zane viu o chão manchado de sangue no local onde a mãe tentava fugir arrastando-se. Ela tinha a camisola rasgada e faltava-lhe um sapato.

— Vão para os vossos quartos! — gritou Graham enquanto levantava Eliza, puxando-a pelos cabelos. — Isto não vos diz respeito.

Britt não parava de gritar, mesmo quando Zane tentou puxá-la para trás.

O rapaz viu o pai dirigir os olhos repletos de ódio para a irmã. E um novo medo febril brotou dentro de si, consumindo algo.

Ele não pensou, agiu sem saber o que tencionava fazer. Empurrou a irmã para trás e colocou-se entre ela e o pai; um miúdo magricela que ainda não havia saído da puberdade. E tomado por essa febrilidade, atacou.

— Afasta-te dela, filho da puta! — Lançou-se contra o pai. A surpresa, mais do que a força do impacto, fez Graham recuar um passo. — Afasta-te, porra.

Zane foi apanhado desprevenido. Tinha apenas catorze anos e as únicas lutas em que se envolvera consistiam em pequenos empurrões e insultos. Já havia sentido o punho do pai; um golpe no estômago, por vezes nos rins.

Onde não se notasse.

Desta vez os punhos atingiram-no no rosto e algo por detrás dos seus olhos explodiu, turvando-lhe a visão. Zane sentiu mais dois antes de tombar; a dor intensa sobrepôs-se ao medo e à fúria. O seu mundo ficou cinzento e, através desse cinzento, as luzes chispavam e cintilavam.

Com o sabor a sangue na boca, e os gritos da irmã a ressoarem na sua cabeça, Zane desmaiou.

Quando recobrou os sentidos, apercebeu-se de que o pai o colocara ao ombro e estava a levá-lo para o piso de cima. Tinha um apito nos ouvidos, mas conseguia ouvir Britt a chorar, ouvia a mãe a dizer-lhe para se calar.

O pai não o deitou na cama, mas sacudiu-o do ombro e deixou-o cair sobre o colchão. Zane sentiu cada milímetro do seu corpo gritar de dor.

— Desrespeitas-me outra vez e farei mais do que partir-te o nariz e deixar-te um olho roxo. Tu não és nada, entendes-me? Não és nada até eu dizer que és. Tudo o que tens, inclusive o ar que respiras, deve-se a mim.

Inclinou-se enquanto falava naquele tom suave e calmo. Zane via dois em vez de um, e nem sequer conseguia acenar com a cabeça. Começou a tremer e a bater com os dentes devido ao frio e ao choque.

— Não sairás deste quarto até que eu o permita. Não falarás com ninguém. Não falarás com ninguém acerca dos assuntos privados desta família, ou o castigo que me obrigaste a aplicar-te hoje parecerá uma brincadeira. Ninguém acreditará em ti. Tu não és nada. Eu sou tudo. Podia matar-te enquanto dormes e ninguém daria conta. Lembra-te disso da próxima vez que pensares armar-te em homem.

Graham saiu e fechou a porta.

Zane perdeu novamente a consciência. Era mais fácil deixar-se ir do que lidar com a dor, com as palavras que o pai proferira e que lhe haviam acertado como punhos.

Quando retomou a consciência, a luz tinha mudado. Não estava escuro, mas pouco faltava.

Não conseguia respirar pelo nariz. Sentia-o entupido, como se tivesse uma terrível constipação. O tipo de constipação que o deixava com violentas dores de cabeça e os olhos a latejar.

Sentia uma dor enorme no abdómen.

Quando tentou sentar-se, o quarto começou a girar e ele receou que fosse vomitar.

Quando ouviu o clique da fechadura, começou a tremer outra vez. Preparou-se para implorar, suplicar, para se humilhar, para fazer qualquer coisa que impedisse aqueles punhos de o golpear de novo.

A mãe entrou e acendeu a luz. A luz provocou uma nova explosão de dor e ele teve de fechar os olhos.

— O teu pai diz para te lavares e depois usares este saco de gelo na cara. A voz dela, fria e indiferente, magoou-o quase tanto como a do pai.

— Mãe...

— O teu pai diz para manteres a cabeça elevada. Só podes sair da cama para ires à casa de banho. Como podes ver, o teu pai tirou-te o computador, a *PlayStation* e a televisão, coisas que generosamente te ofereceu. Não verás nem falarás com ninguém a não ser o teu pai e eu. Não participarás na ceia nem no Dia de Natal.

— Mas...

— Estás com gripe.

Zane perscrutou o rosto da mãe em busca de algum sinal de pena, de gratidão. De algum sentimento. — Eu estava a tentar impedi-lo de te maltratar. Pensei que ele pudesse maltratar a Britt. Pensei...

— Eu não pedi a tua ajuda, nem preciso dela. — O tom brusco e frio da mãe provocou-lhe uma dor no peito. — O que se passa entre mim e o teu pai é entre mim e o teu pai. Tens os próximos dois dias para reconsiderares o teu lugar nesta família e para voltares a ganhar os teus privilégios. — Virou-se para a porta. — Faz o que te dizem.

Quando a mãe saiu e o deixou sozinho, Zane obrigou-se a sentar-se; teve de fechar de novo os olhos devido à tontura e concentrou-se na respiração. De pernas bambas, levantou-se, entrou na casa de banho aos tropeções, vomitou e quase voltou a desmaiar.

Quando se conseguiu levantar, fitou o rosto no espelho sobre o lavatório.

Não parecia o seu rosto, pensou ele estranhamente distanciado. A boca inchada, o lábio inferior rebentado. Céus, o nariz parecia um balão vermelho. Os dois olhos roxos, um deles meio fechado devido ao inchaço. Sangue seco por toda a parte.

Levantou uma mão, levou os dedos ao nariz e provocou uma explosão de dor. Como estava com receio de tomar um duche, pois ainda se sentia atordoadado, usou uma luva de banho para tentar limpar parte do sangue. Teve de cerrar os dentes e de se agarrar ao lavatório com uma mão para se manter direito, mas temia mais do que a dor não fazer o que lhe tinha sido dito.

Chorou e não se sentiu envergonhado. De qualquer modo, ninguém podia ver. Ninguém se importaria.

Regressou devagarinho para a cama e bufou quando se baixou lentamente para descalçar os sapatos e despir as calças de ganga. Tinha de parar a cada par de minutos para recuperar o fôlego e esperar que a tontura passasse.

De boxers e *sweatshirt*, enfiou-se na cama, agarrou no saco de gelo que a mãe havia deixado e pousou-o o mais levemente possível no nariz.

A dor era demasiado forte, insuportável, por isso passou o gelo para o olho e sentiu algum alívio.

E ali ficou deitado, agora na escuridão total, a planear. Fugiria. Assim que pudesse, encheria a mochila com algumas peças de roupa. Não tinha muito dinheiro porque o pai depositava todo no banco, mas tinha algum escondido num par de peúgas. O dinheiro que poupava para comprar videojogos.

Podia viajar à boleia... e essa ideia deixou-o entusiasmado. Talvez para Nova Iorque. Ir-se-ia embora daquela casa, onde tudo parecia tão limpo, mas onde segredos muito, muito sujos se escondiam como o seu dinheiro para videojogos.

Arranjaria um trabalho. Podia arranjar um trabalho. *Acabou-se a escola*, pensou ele enquanto adormecia. Já era qualquer coisa.

Voltou a acordar, ouviu a fechadura outra vez e fingiu que estava a dormir. Mas não eram os passos do pai, nem os da mãe. Abriu os olhos quando Britt lhe apontou ao rosto uma pequena lanterna cor-de-rosa.

— Não faças isso.

— Chiu — alertou-o ela. — Não posso acender a luz, não vão eles acordar e ver. — Sentou-se na beira da cama e acariciou-lhe o braço com uma mão. — Trouxe-te uma sanduíche de manteiga de amendoim e geleia. Não pude trazer lasanha porque eles iam dar por falta na travessa. Precisas de comer.

— O meu estômago não está bem, Britt.

— Só um bocadinho. Experimenta um bocadinho.

— Tens de te ir embora. Se eles te apanham aqui...

— Estão a dormir. Assegurei-me disso. Vou ficar contigo. Vou ficar contigo até conseguires comer alguma coisa. Lamento muito, Zane.

— Não chores.

— Mas tu estás a chorar.

Zane deixou as lágrimas escorrerem. Pura e simplesmente não tinha força para as conter.

Fungando e limpando as próprias lágrimas, Britt acariciou-lhe o braço. — Também trouxe leite. Eles não darão por falta de um copo de leite. Limpei tudo e quando terminares, eu lavo o copo. — Falavam em sussurros, estavam acostumados a fazê-lo, mas agora a voz dela estava também embargada. — Ele bateu-te com tanta força, Zane. Bateu-te e bateu-te, e quando tu estavas no chão, ele deu-te um pontapé no estômago. Pensei que estavas morto.

Encostou a cabeça ao peito dele. Os ombros tremiam-lhe. Ele afagou-lhe os cabelos.

— Ele magoou-te?

— Não. Apertou-me um bocado os braços e sacudiu-me, gritou-me para me calar. E eu calei-me. Tive medo de não lhe obedecer.

— Ainda bem. Fizeste a coisa certa.

— Tu é que fizeste. — O sussurro de Britt adensou-se com lágrimas. — Tentaste fazer a coisa certa. Ela não tentou impedi-lo de te maltratar. Ela não disse nada. E quando ele parou, disse-lhe para ela limpar o sangue do chão. Havia um copo partido na cozinha e ele mandou-a limpar isso, mandou-a lavar-se e ter o jantar na mesa às seis.

Britt endireitou-se e estendeu metade da sanduíche que havia habilmente cortado ao meio. Nesse momento, Zane sentiu um amor tão grande por ela que lhe fez doer o coração. Aceitou, deu uma pequena dentada e percebeu que não lhe provocava náuseas.

— Temos de dizer à Emily, à avó e ao avô que estás doente. Apanhaste gripe e estás contagioso. Tens de descansar e o pai está a cuidar de ti. Ele não os deixará subir para te verem. Depois temos de dizer ao pessoal da estância que caíste da bicicleta. Foi ele quem disse isto tudo ao jantar. Eu tive de comer para ele não se enfurecer outra vez. Mas vomitei quando subi.

Zane deu mais uma dentada e segurou na mão da irmã às escuras. — Sei qual é a sensação.

— Quando regressarmos, temos de dizer que tiveste um acidente enquanto esquiavas. Que caíste e o pai cuidou de ti.

— Pois — disse ele com amargor na voz. — Ele cuidou de mim.

— Se não o fizermos, ele volta a bater-te. Talvez faça algo pior. Não quero que ele volte a maltratar-te, Zane. Tu estavas a tentar impedi-lo de bater na mãe. Também estavas a proteger-me. Pensaste que ele ia bater-me. E eu também. — Ele sentiu-a mexer e viu, à fraca luz da lanterna que ela pousara na cama, que ela se virara para olhar pela janela. — Acho que um dia o fará.

— Não, não fará. — A fúria sobrepôs-se à dor. — Não lhe darás motivos para isso. E eu não deixarei que ele o faça.

— Ele não precisa de motivos. Não é preciso ser-se adulto para perceber isso. — Embora o tom dela parecesse o de um adulto, Britt deixou escapar mais lágrimas. — Acho que eles não nos amam. Era impossível ele amar-nos e maltratar-nos, obrigar-nos a mentir. E era impossível ela amar-nos e deixar isto continuar a acontecer. Acho que eles não nos amam.

Ele sabia que não amavam, havia tido essa certeza quando a mãe entrara e olhara para ele com indiferença. — Temo-nos um ao outro.

Com ela ali sentada, a certificar-se de que ele comia, Zane compreendeu que não podia fugir, não podia fugir e abandonar Britt. Tinha de ficar. Tinha de se fortalecer. Tinha de ficar forte o suficiente para lutar.

Não para proteger a mãe, mas a irmã.

Capítulo Dois

Na véspera de Natal, Emily Walker tinha ainda meia dúzia de coisas da sua lista para fazer. Fazia sempre listas, tinha sempre um plano de trabalho. E, invariavelmente, tudo o que ela registava em todas as listas demorava mais a realizar do que ela imaginara.

Sempre.

O outro problema das listas é que havia sempre coisas a acrescentar, aumentando ainda mais tempo que ela não previra.

Tal como naquele dia. Para além de ter de dar uma última olhada na casa, ter de preparar as costeletas de porco recheadas e as batatas gratinadas, de que o pai tanto gostava, para a Consoada, ter de fazer o tratamento facial caseiro de que tanto precisava e ter de ir a Asheville buscar os pais ao aeroporto, ela havia acrescentado à lista uma ida rápida ao supermercado para comprar frango estufado.

O pobre Zane estava com gripe, de modo que ela havia também incluído na lista aproveitar o frango para fazer uma boa canja. E isso acarretava entregar a canja em casa da irmã, do outro lado do lago.

O que acarretava a tarefa de ser gentil e simpática com Eliza.

Para piorar as coisas, tinha de ser gentil e simpática com Eliza depois de Eliza ter decretado que o jantar de Natal teria de ser na casa velha.

Oh, Eliza havia dito que não precisava de se preocupar, pensou Emily enquanto vestia uma roupa lavada. Teria de esquecer o tratamento facial, por muito que estivesse a precisar. Não, não precisava de se preocupar, porque Eliza já havia contactado o serviço de *catering* e mudado o local do evento.

«Local do evento», por amor de Deus!

E, que diabo, quem é que contratava um serviço de *catering* para um jantar de Natal em família?

Só podia ser a emproada da Eliza Walker Bigelow.

Mas ela seria gentil, seria simpática. Não iria, seguramente, dar início a uma discussão com Eliza durante a visita dos pais. Levaria a canja, que ainda fervilhava no fogão, e faria uma breve visita ao sobrinho doente.

E levar-lhe-ia sorrateiramente o último volume da série *A Torre Negra*, visto que Stephen King, tal como uma dúzia de outros, não constava da lista de autores aprovados por Eliza e Graham.

Se eles não vissem, não a chateariam. Zane era bom a guardar segredos. *Talvez demasiado bom*, pensou Emily enquanto se maquilhava. Talvez não passasse tanto tempo com os miúdos como deveria, mas de vez em quando, quando o fazia, tinha a sensação de que... se passava alguma coisa. Alguma coisa que não estava de forma alguma bem.

Provavelmente seria imaginação sua, admitiu enquanto calçava as botas. Ou talvez estivesse simplesmente à procura de alguma coisa com que atacar a irmã. Não haviam sido muito chegadas durante a infância; os opostos nem sempre se atraíam e a diferença de nove anos entre elas podia também ter contribuído para isso.

E não se haviam tornado mais próximas depois de adultas. De facto, apesar de serem habitualmente educadas à vista de todos, no fundo sentiam uma antipatia mútua.

Na verdade, se não fosse pelos pais, pela sobrinha e pelo sobrinho, Emily podia viver o resto da vida sem voltar a ver nem a falar com Eliza.

— Que coisa horrível — murmurou ela enquanto descia apressadamente as escadas. — Que coisa horrível de se pensar, de se sentir.

Pior, ela receava que parte desse pensamento e desse sentimento não fosse mais do que ressentimento da sua parte, o que era uma vergonha.

Eliza era mais bonita, sempre fora. Não que Emily também não fosse bastante gira, mesmo sem o tratamento facial caseiro. Mas Eliza era muito mais atraente e também tinha mamas maiores. E, claro, como levava nove anos de avanço, havia feito tudo primeiro.

Havia protagonizado peças da escola, fora chefe de claque e usara a coroa de rainha na festa de boas-vindas e no baile de estudantes. E não é que, quando terminara os estudos, os avós lhe haviam oferecido um belo *BMW* prateado descapotável?

Depois fisgara um médico. Um cirurgião, ainda por cima bonito como uma estrela de cinema. Tivera a sua luxuosa festa de noivado no clube de campo, a sua pomposa despedida de solteira e a sua extravagante e vistosa boda branca.

E estivera simplesmente deslumbrante, recordou Emily enquanto apagava o lume sob a canja. Uma autêntica rainha no seu longo e lindo vestido branco.

Não se havia sentido melindrada com Eliza naquele dia. Estivera feliz por

ela, apesar de ter sido obrigada a usar o vestido de dama de honor cor-de-rosa com ombros abalados.

Mas depois disso, o ressentimento havia regressado em plena força.

— Não penses nisso agora — ordenou a si mesma. Vestiu o casaco, colocou o gorro e as luvas. — É Natal. E o pobrezinho do Zane está doente.

Foi buscar a mala, na qual já havia metido o livro *A Torre Negra*, e umas pegas para transportar a canja para a carrinha e depois para casa de Eliza.

Mandara lavar, encerar e limpar meticulosamente o interior do veículo — algo riscado da lista do dia anterior —, portanto não havia notas coladas no tabliê. E tinha verificado pessoalmente todos os bangalôs para alugar, para que quando os pais a questionassem — e fá-lo-iam —, ela pudesse dizer-lhes que a Walker Lakeside Bungalows, a empresa da família, estava sã e segura.

Emily gostava de estar à frente da empresa, agora que os pais se haviam aposentado. Talvez se sentisse melindrada — de novo a palavra — com o facto de ter de entregar trimestralmente a Eliza o cheque referente à sua parte dos lucros. Eliza não mexia uma palha, mas sangue era sangue, família era família, por isso a irmã recebera parte do que os pais haviam construído e ela mantinha.

Pelo menos a casa era sua, agora só sua, pensou ela olhando para trás depois de pousar a panela da canja no chão diante do lugar do pendura.

Ela adorava a casa, com a sua mescla de madeira e pedra, o alpendre que a envolvia, as vistas do lago e das montanhas. Fora sempre o seu lar e ela tencionava que continuasse a ser até ao dia da sua morte. Como não tinha filhos, e a probabilidade de os fazer parecia, na melhor das hipóteses, remota, ela tencionava deixá-la a Zane e a Britt quando chegasse a hora.

Talvez um dos dois decidisse viver ali. Talvez a alugassem ou vendessem. Ela estaria morta, por isso ser-lhe-ia indiferente.

Um alegre pensamento natalício.

Rindo para si mesma, entrou na carrinha pensando no quão bonita ficaria a casa quando anoitcesse, quando todas as luzes coloridas se acendessem e a árvore brilhasse à janela. Como havia acontecido todos os Natais desde que tinha memória. A casa a cheirar a pinho e arando, a biscoitos recém-tirados do forno.

Quando entrou na estrada do lago, soprou a franja da frente dos olhos. Um corte não constava da lista de afazeres antes do Natal e teria de esperar.

Enquanto contornava o Reflection Lake, ligou o rádio, aumentou o volume, pôs-se a cantar ao som de Springsteen enquanto passava pelos bangalôs,

pelos cais e pelas outras casas do lago, e contornou em direção à vila, com as montanhas de cumes nevados elevando-se em direção ao pálido azul do céu de inverno.

A estrada subia e descia, tinha curvas e contracurvas; Emily conhecia cada centímetro. Cortou caminho pela rua principal só para ver as lojas todas decoradas para o Natal e a estrela no topo do Lakeview Hotel.

Avistou Cyrus Puffer a carregar um saco em direção à sua carrinha estacionada. Fora casada com Cyrus quase seis meses. *Céus, há quase dez anos*, pensou. Os dois haviam chegado à conclusão, bastante rapidamente, de que eram melhores amigos coloridos do que marido e mulher, e por isso, na sua opinião, haviam tido um dos poucos divórcios verdadeiramente amigáveis no amplo mundo dos divórcios.

Encostou para o cumprimentar.

— Compras de última hora?

— Não. Sim. Mais ou menos. — Ele sorriu-lhe; um tipo atraente, de cabelo ruivo e sempre bem-disposto. — A Marlene queria gelado... e só podia ser de menta com pedaços de chocolate.

— Bem, tu és realmente um bom marido.

Ele encontrara a mulher certa à segunda tentativa. Fora a própria Emily quem os apresentara e acabara por ser madrinha de casamento.

— Faça por isso — disse ele, sempre sorridente. — Acho que tenho sorte por ela não querer picles a acompanhar.

— Oh, meu Deus! — Emily agarrou-lhe no rosto com as duas mãos. — Oh, meu Deus, Cy! Vais ser papá!

— Só tivemos a confirmação ontem. Ela ainda não quer dizer a toda a gente, à exceção dos pais dela e dos meus, mas não se vai importar que eu te tenha dito.

— Não conto a ninguém, mas, meu Deus, estou muito feliz por ti. — Puxou-o através da janela para lhe dar um forte beijo repenicado. — O melhor presente de Natal de sempre. Oh, Cy, diz-lhe que lhe desejo muitas, muitas felicidades. E quando quiser falar no assunto, ela que me ligue.

— Direi. Em, sinto-me tão feliz que parece que vou explodir. Tenho de levar o gelado à mamã.

— Diz-lhe que quero organizar a festa para o bebé.

— A sério?

— Podes crer. Feliz Natal, Cy. Oh, meu Deus!

Emily manteve o sorriso no rosto enquanto atravessava a vila e retomava a estrada do lago em direção a Lakeview Terrace.

Como acontecia sempre que ali chegava, pensou: *Se tivesse de morar aqui, matava-me.*

Não havia dúvida de que as casas eram grandes e bastante bonitas. E não eram todas exatamente iguais, porque, tanto quanto se recordava, tinham existido diversos estilos e plantas à escolha na altura das vendas. E muitas opções de acréscimos.

Mas, a seu ver, aquela urbanização tinha uma atmosfera tipo Stepford¹, a tender para o sinistro. Tudo demasiado perfeito: os passeios imaculados, os caminhos de entrada pavimentados, o pequeno parque exclusivo para residentes e respetivos convidados, as árvores cuidadosamente plantadas, os bancos e os caminhos pedonais cuidadosamente colocados.

Mas a irmã adorava e, em boa verdade, as fiadas perfeitas de enormes mansões, com os seus relvados perfeitamente cortados, assentavam muito bem a Eliza.

Lembrando-se de ser gentil, Emily estacionou no caminho de entrada da casa. Levou a canja até à porta e tocou à campainha. *Como uma estranha, não como família*, pensou. Mas eles mantinham o seu palácio pessoal sempre bem trancado.

Gentil, pensou ela outra vez, e pôs um sorriso no rosto.

E manteve-o quando Eliza abriu a porta, linda de morrer, de calças brancas, camisola vermelha de caxemira e os cabelos caídos em suaves ondas escuras sobre os ombros.

E os olhos, do mesmo verde intenso dos Walker, tal como os de Emily, transpareciam apenas ligeiro aborrecimento. — Emily. Não estávamos à tua espera.

Não «Emily! Feliz Natal. Entra».

Mas Emily continuou a sorrir.

— Recebi a tua mensagem sobre o Zane e o jantar de amanhã. Tentei telefonar-te, mas...

— Temos estado ocupados.

— Pois, eu também. Mas senti muita pena do Zane, por isso preparei a famosa cura da mamã. Canja com *noodles*. Como está ele?

— Está a dormir.

— Eliza, está frio. Não me vais deixar entrar?

— Quem é, querida? — Graham, louro e atraente, de camisola cinzento-prateada de caxemira, naturalmente, apareceu atrás de Eliza. Esboçou um sorriso, mas Emily reparava com frequência que o sorriso não lhe chegava verdadeiramente aos olhos.

¹ Referência ao filme *The Stepford Wives*. (N. de T.)

— Emily! Feliz Natal. Que surpresa.

— Fiz canja para o Zane. Passei por cá para a trazer e o ver antes de ir buscar a mamã e o papá ao aeroporto.

— Entra, entra. Deixa-me levar isso.

— Está quente. Vou levá-la diretamente para a cozinha, se não te importas.

— Claro. É muito atencioso da tua parte, a sopa. Estou certo de que o Zane irá gostar.

Acompanhada por Graham, Emily encaminhou-se para a cozinha, passando pelas decorações de Natal cuja perfeição era digna de revista. — A casa está espetacular. — Pousou a panela em cima da placa do fogão. — E se eu levasse uma tigela de canja ao Zane e ficasse com ele uns minutos? Aposto que ele está a precisar de um pouco de companhia.

— Já te disse que ele está a dormir.

Emily olhou de relance para a irmã. — Bem, talvez ele esteja...

— E contagioso — acrescentou Graham, colocando um braço em torno da cintura de Eliza. — Não posso deixar que te exponhas, principalmente quando vais estar em contacto com idosos.

Ela não via os pais como «idosos» e a palavra irritou-a. — Somos todos sãos como um pero e, de qualquer modo, ele vai estar no jantar de amanhã, por isso...

— Não, ele não estará suficientemente bem para isso. Ele precisa de descanso — disse Graham no seu tom sério de médico.

— Mas vocês quiseram mudar o jantar para minha casa...

— É melhor para todos — disse Graham num tom alegre. — Iremos jantar, para que os teus pais vejam a Eliza e a Britt, mas não ficaremos muito tempo.

Emily ficou boquiaberta. — Vão deixar o Zane sozinho? No Natal?

— Ele compreende e, em qualquer caso, ele irá dormir durante o dia de hoje e a maior parte de amanhã. Eu sei o que é melhor — continuou ele antes que ela pudesse voltar a contrapor. — Não sou apenas seu pai, sou médico.

A ideia, a simples ideia de Zane passar o Natal sozinho, doente, de cama, provocou-lhe um aperto no peito. — Não está certo. Não podíamos, sei lá, usar máscaras? Ele é só um miúdo. É Natal.

— Nós é que somos os pais dele — disse Eliza num tom de alguma exaltação. — Nós é que decidimos. Quando e se tiveres filhos, decidirás o que é melhor para eles.

— Onde está a Britt? Pelo menos...

— No quarto dela. A fazer um projeto de Natal. — Graham levou os dedos aos lábios. — Aparentemente é algo secreto. Vê-la-ás amanhã. Uma vez mais, muito obrigado por pensares no Zane, por te dares ao trabalho de lhe fazeres a canja.

Graham afastou-se de Eliza, rodeou firmemente Emily com um braço, virou-a e acompanhou-a de volta à porta, quase à força. — Diz ao Quentin e à Ellen que estamos ansiosos por vê-los amanhã.

— Eu... eu posso trazer os presentes dele esta noite para que ele os tenha amanhã de manhã.

— Não é necessário. Ele tem catorze anos, Emily, não quatro. Conduz com cuidado.

Ele não a empurrou propriamente para fora da casa, mas era como se o tivesse feito. Enquanto regressava à carrinha, Emily sentiu lágrimas de fúria e frustração encherem-lhe os olhos.

— Não está certo, não está certo, não está certo — repetiu ela vezes sem conta enquanto se sentava ao volante e saía da urbanização.

Mas ela era apenas a tia. Não podia fazer nada.

O despertador de Zane marcava seis e quarenta e cinco... da noite; isso ele sabia. Havia passado mais de vinte e quatro horas trancado no quarto e o rosto e a barriga doíam-lhe tanto que só conseguira dormir por curtos períodos. A dor não cessava e a fome que sentia só a fazia piorar.

Havia comido a outra metade da sanduíche de manteiga de amendoim e geleia nas primeiras horas da manhã. Pouco depois das oito, a mãe trouxe-lhe uma torrada seca, um pequeno jarro de água e mais um saco de gelo.

Pão e água, pensou ele. Comida de prisioneiro.

Porque era precisamente isso que ele era.

A mãe não lhe dirigira palavra, nem ele a ela.

Agora eram quase sete da noite e não tinha vindo ninguém. Ele estava preocupado com Britt. Estaria também trancada no seu quarto? Às vezes, ele — Zane já não conseguia pensar no sujeito como seu pai — trancava-os nos quartos... mas apenas durante algumas horas, e tinham televisão, jogos ou *alguma coisa* para fazer.

Ele havia tentado ler; não lhe tinham levado os livros. Mas era demasiado doloroso, provocara-lhe uma enorme dor de cabeça. Havia-se arrastado até ao duche porque a dor fazia-o suar e ele não conseguia suportar o seu próprio fedor.

Com a água a correr, e o rosto a latejar, chorara como um bebé.

O seu rosto parecia o de Rocky depois de uns quantos assaltos com Apollo Creed.

Tinha de se pôr mais forte. O pai de Micah levantava pesos. Tinha uma divisão da casa só para isso. Podia pedir ao Sr. Carter que lhe mostrasse como se levantava pesos. Dir-lhe-ia que queria ganhar músculo antes do início da época de basebol.

E dentro de três anos e meio iria para a universidade. Mas como podia ele ir-se embora e deixar Britt?

Talvez devesse ir à polícia, contar tudo. Mas o chefe da polícia jogava golfe com o seu pai. Toda a gente em Lakeview respeitava o Dr. Graham Bigelow.

Era doloroso pensar no assunto, por isso começou a pensar no basebol. Tinha uma bola debaixo das cobertas e acariciava-a, sentindo as suas costuras, como uma criança acariciava um ursinho de peluche em busca de conforto.

Ouviu o clique da fechadura e, com a fome a roer-lhe o estômago como um rato, sentiu alívio.

Até ver o pai. Notou o recorte da sua silhueta contra a luz do corredor. Alto, bem musculado, carregando um tabuleiro e a sua maleta médica.

Graham entrou, pousou o tabuleiro no banco aos pés da cama. Regressou à porta, acendeu as luzes... céus, como lhe feriam os olhos!... e fechou a porta.

— Senta-te — disse Graham com brusquidão.

De novo a tremer, Zane sentou-se na cama.

— Sentes-te zozzo?

Tem cuidado, pensou Zane. *Sê respeitoso*. — Um pouco, sim, senhor.

— Náuseas?

— Um pouco. Não tanto como a noite passada.

— Vomitaste? — perguntou Graham enquanto abria a maleta médica.

— Não desde ontem à noite.

Graham tirou uma pequena lanterna e dirigiu a luz para os olhos de Zane. — Segue os meus dedos, só os olhos.

Até isso lhe provocava dor, mas Zane fez o que lhe mandava.

— Dor de cabeça?

— Sim, senhor.

— Visão dupla?

— Já não, senhor.

Graham observou-lhe os ouvidos e os dentes. — Algum sangue na urina?

— Não. Não, senhor.

— Tens um ligeiro traumatismo craniano. Tiveste sorte, considerando o teu comportamento, que não seja pior. Põe a cabeça para trás.

Quando ele o fez, Graham pressionou-lhe o nariz de um lado e do outro com os dedos. A dor explodiu como uma supernova. Zane soltou um grito de dor e tentou afastar as mãos do pai. Graham enfiou a mão na maleta em busca de utensílios e o suor provocado pelo medo cobriu cada milímetro da pele de Zane.

— Por favor. Por favor, não. Dói-me. Pai, por favor.

— Põe a cabeça para trás. — Graham apertou ligeiramente o pescoço de Zane. — Sê um homem, por amor de Deus.

Zane gritou. Não conseguiu evitar. Não via o que o pai estava a fazer. Mesmo que tivesse aberto os olhos, não teria sido capaz de ver através da intensa névoa de dor.

As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto. Também não as conseguiu evitar.

Quando o suplício acabou, ele enrolou-se simplesmente numa bola trémula.

— Podes agradecer-me o facto de não teres o septo desviado. Podes *agradecer-me* — repetiu Graham.

Zane engoliu a bÍlis que lhe subiu à garganta. — Obrigado.

— Usa o gelo. Permanecerás no teu quarto até partirmos para a estância de esqui no dia a seguir ao Natal. Tiveste um acidente de bicicleta. Foste descuidado. Na estância, permanecerás no teu quarto da *suite*. Quando voltarmos para casa, terás tido um acidente enquanto esquiavas. Foste descuidado; não tinhas recuperado totalmente da gripe, mas foste teimoso. Se te desviares disto de alguma maneira, será muito mau para ti. Irei a tribunal para que te encerrem com todos os outros inadaptados. Estás a entender?

— Sim.

Embora Zane se mantivesse de olhos fechados, sabia que Graham estava debruçado sobre a cama; alto, louro, com um sorriso de autossatisfação no rosto.

— Na próxima semana escreverás aos teus avós a agradecer os presentes que eles tiverem tido a insensatez de te comprar. Esses presentes serão dados à caridade, os presentes que eu e a tua mãe escolhemos para ti serão devolvidos. Não mereces nada, por isso não receberás nada. Entendes?

— Sim. — *Não importa, não importa. Vai-te embora, por favor.*

— O teu computador ser-te-á devolvido apenas para os trabalhos da escola. Verificarei isso todas as noites. Se daqui a um mês tiveres mostrado o

arrependimento adequado, se as tuas notas não baixarem, se eu achar que aprendeste uma valiosa lição, devolver-te-ei o resto das coisas. Senão, também serão doadas a alguém mais merecedor. Senão, revogarei a permissão que te dei para jogares baseball, não só na próxima temporada, mas para sempre. Entendes?

Ódio. Zane não imaginara ser capaz de sentir tanto ódio. — Sim, senhor.

— Irei pesquisar academias militares, como alternativa para a tua educação, se não entrares na linha. A tua tia mandou a canja. Vê se lhe agradeces isso quando, e se, voltares a vê-la.

Enfim, finalmente, saiu e trancou a porta.

Zane deixou-se ficar como estava até julgar ser capaz de ultrapassar as ondas de dor. Já sabia que o pai podia ser mau, podia ser violento, que conseguia usar a máscara de marido, pai e vizinho perfeito sobre tudo isso.

Mas não sabia, ou não aceitara até àquele momento, que o pai era um monstro.

— Nunca mais lhe chamarei pai — prometeu Zane. — Nunca mais.

Obrigou-se a levantar-se e sentou-se no banco ao fundo da cama. Pegou na tigela da canja.

Estava fria, reparou. Só mais uma maldade.

Mas perdes, sacana maldito, pensou ele enquanto comia. *Nunca comi algo tão saboroso na minha vida.*

Quando se sentiu mais calmo, tomou outro duche, visto que encharcara a *t-shirt* de suor. Obrigou-se a andar pelo quarto; a andar e andar. Nalgum momento tinha de começar a pôr-se mais forte. Quem lhe dera ter outra tigela de canja, mas conformou-se em pôr gelo no rosto.

Ouviu música de Natal a tocar no piso inferior e aproximou-se da janela. Contemplou o lago, viu as luzes cintilantes do outro lado. Conseguia distinguir a casa da tia, pensou nela e nos avós a celebrarem a Consoada. Pensariam nele?

Esperava que sim. Não era uma pena ele estar engripado?

Mas não sabiam a verdade; não sabiam, não sabiam. E o que fariam eles, o que poderiam eles fazer, se soubessem? Nada contra um homem como o seu pai. Se o Dr. Graham Bigelow dissesse que o filho caíra da bicicleta ou que se magoara a fazer esqui, todas as pessoas acreditariam. Ninguém acreditaria que um homem daqueles batia no próprio filho.

E mesmo que ele tentasse convencê-las disso, o que poderiam elas fazer?

Não podia ir para a escola militar. Não suportaria. Não podia abandonar Britt.

Por isso, precisava de fingir, tal como os pais fingiam. Fingiria que havia

aprendido uma valiosa lição. Diria «sim, senhor». Manteria as boas notas. Faria tudo o que tivesse de fazer.

Um dia estaria suficientemente forte ou velho ou corajoso para deixar de fingir.

Ainda assim, quem acreditaria nele? Talvez a tia. Talvez. Não lhe parecia que ela gostasse muito do pai... nem da mãe. Sabia que os pais não gostavam dela porque estavam sempre a falar mal dela.

Que nunca fizera grande coisa na vida, que nem sequer conseguia conservar um marido. E muitas outras coisas.

Ouviu o piano e sentiu algum alívio. Se conseguia tocar piano, Britt estava bem.

Talvez conseguisse arranjar provas. Podia pedir a Micah que o ensinasse a instalar uma câmara oculta ou coisa assim. Não, não, não podia envolver Micah. Se Micah dissesse alguma coisa aos pais, eles poderiam dizer algo aos seus.

Nunca mais jogaria basebol, iria para a escola militar; mais uma derrota pesada.

Não era assim tão corajoso.

Mas podia anotar tudo.

Inspirado, dirigiu-se à escrivaninha e encontrou caderno, canetas, lápis. *Ainda não*, decidiu. Um deles podia entrar de novo antes de se ir deitar. Se o apanhassem, estava tudo acabado.

Então esperou e esperou, deitado no escuro com a sua bola de basebol para conforto e companhia.

— Bons sonhos natalícios, Britt! — ouviu o pai gritar.

— Boa-noite — respondeu ela.

Momentos depois ouviu-a sussurrar à sua porta: — Não consegui esgueirar-me até aqui. Lamento. Ovi-te gritar, mas...

— Não faz mal. Estou bem. Vai para a cama antes que te apanhem.

— Lamento — repetiu ela.

Zane ouviu a porta do quarto dela fechar. Adormeceu durante um bocado. O riso da mãe acordou-o. Oviu-os subir a escada, trocaram palavras abafadas ao passarem pela sua porta. Deixou-se ficar onde estava, de olhos fechados e respiração controlada, porque não podia confiar neles.

E teve a prova de que estava certo quando, uns minutos depois, ouviu o clique da fechadura. A luz do corredor avermelhou a parte de trás das pálpebras. Manteve-as fechadas, mas não com força para não perceberem que estava a fingir.

Mesmo depois de a porta se ter fechado outra vez, de a fechadura ter feito clique outra vez, esperou. Um minuto, dois, cinco; contou-os.

Quando se sentiu seguro, voltou silenciosamente à escrivaninha para ir buscar o caderno e um par de canetas. Por via das dúvidas, levou-os para a cama, juntamente com a pequena lanterna que Britt lhe havia deixado.

Se ouvisse o clique da fechadura, teria tempo suficiente para enfiar tudo debaixo do cobertor e voltar a deitar-se.

Sob o pequeno feixe de luz, começou a escrever:

Provavelmente ninguém acreditará em mim. Ele diz que não. Ele é demasiado importante, demasiado inteligente, por isso não acreditarão em mim, mas o meu professor de Inglês diz que escrever pode ajudar-nos a pensar e a lembrarmo-nos de coisas. Preciso de me lembrar.

No dia 23 de dezembro de 1998, quando a minha irmã Britt e eu chegámos a casa depois da escola, a minha mãe estava no chão. O meu pai estava a bater-lhe outra vez e quando eu tentei detê-lo, ele magoou-me seriamente.

Zane escreveu durante mais de uma hora.

Quando se sentiu demasiado cansado para continuar a escrever, foi buscar uma moeda ao mealheiro e usou-a para desaparafusar a grelha do tubo de ventilação. Escondeu o caderno no interior. Guardou as canetas, embora uma delas tivesse ficado sem tinta.

Depois voltou a enfiar-se na cama e dormiu.

Capítulo Três

Zane cumpriu ordens. A dor aliviou; as feridas desvaneceram-se. Ninguém na estância de esqui questionou a explicação do acidente de bicicleta dada pelo Dr. Bigelow, nem as suas ordens para que Zane permanecesse, sem ser incomodado, no seu quarto durante a estadia. Ninguém em Lakeview pôs em dúvida a explicação do Dr. Bigelow sobre o acidente sofrido pelo filho enquanto esquiava.

Bem, Emily duvidou um pouco, perguntou-se por que motivo haviam deixado Zane esquiar quando estava a recuperar da gripe, mas isso não mudou nada.

A vida continuou.

Se Zane havia aprendido uma valiosa lição, era que devia ser cuidadoso.

Mantinha o quarto limpo e arrumado sem necessidade de instigação, fazia as suas tarefas sem protestar. Estudava, mais por medo do que por interesse. Se as suas notas baixassem, seria castigado. Se as suas notas baixassem, perderia o baseball. O baseball tornou-se não só a sua única paixão, o seu sonho de vida, mas a sua futura escapatória.

Quando ingressasse na liga principal, deixaria Lakeview sem olhar para trás.

Todos agiam como se o dia 23 de dezembro nunca tivesse acontecido. Todos os habitantes da casa em Lakeview Terrace viviam uma mentira. Zane passou nos testes do pai; era suficientemente inteligente para saber que os empurrões ou as bofetadas sem motivo eram testes. Perante o olhar de satisfação do pai, Zane mantinha os olhos no chão e não dizia nada.

De noite, no sossego do seu quarto, escrevia a verdade.

12 de janeiro. Graham empurrou-me contra a parede. Diz que eu passei o jantar amuado e que não demonstrei a minha gratidão. Pedi ao pai do Micah para não dizer a ninguém que me estava a ensinar a levantar pesos, que queria que fosse uma surpresa. De qualquer modo, ele não fala com o Graham. Acho

que ele não gosta muito do Graham. Disse-me para não estar sempre a chamar-lhe «senhor», porque isso o faz sentir como se estivesse de novo no exército e, como estamos a trabalhar juntos, pediu-me que o tratasse por Dave. Ele é simpático.

2 de março. Estou a ficar mais forte!!! Consigo fazer 3 séries de 12 repetições com pesos de 7 quilos. E hoje levantei uma barra de pesos com 34 quilos e fiz 36 flexões. Ganhei mais de 2 quilos. O Dave diz que é pura massa muscular. Amanhã temos o nosso primeiro jogo de pré-época e o treinador disse que o meu braço parece um foguete! Acho que também é pura massa muscular. Durante o treino, consegui bater até à primeira e terceira bases, e percorrer duas vezes todas as bases. Amanhã vamos dar uma tarefa aos Eagles! A Eliza disse-me para esvaziar a máquina de lavar loiça. Eu respondi: «claro». O Graham deu-me uma bofetada. Não se diz «claro», diz-se «sim, senhora», seu inútil de merda. Depois deu-lhe uma bofetada a ela por não me ter corrigido e chamou-lhe «cabra estúpida». Eu vi que a Britt estava prestes a chorar e olhei para ela para que não o fizesse. Não havia necessidade de ela apanhar uma bofetada.

Zane escrevia todas as noites, detalhando os jogos de basebol, os seus progressos no ginásio, as agressões do pai.

Escreveu sobre o orgulho e a excitação que sentira quando os Lakeview Wildcats conquistaram o campeonato. O quão orgulhoso o pai se havia mostrado durante o jogo e o quão descontraidamente criticara, no caminho de regresso a casa, a sua corrida pelas bases e o seu desempenho enquanto defesa. Como Dave Carter lhe havia dado um «mais cinco» e chamado «campeão».

Quando completou quinze anos naquele verão, media um metro e oitenta e pesava cinquenta e oito quilos. Quando Dave lhe disse que era uma «máquina de luta» espetacular, não sabia que era precisamente esse o seu objetivo.

Na noite de 23 de dezembro, Zane acordou de um pesadelo encharcado em suor. Sonhara que o pai havia encontrado os seus cadernos e que o matara à pancada.

Mas nada aconteceu e a época festiva passou.

A sua primeira namorada a sério foi Ashley Kinsdale, uma loura de olhos risonhos, estudante distinta, estrela do futebol. Teve com ela o seu primeiro encontro de verdade quando a convidou para o baile de finalistas em maio.

Como iam com Micah e a sua acompanhante Melissa Riley, ou Mel

— sua companheira de videogames e *nerd* de personalidade forte —, Dave ofereceu-se para os levar e buscar.

Zane teve de comprar um fato e sapatos novos e tentou fingir que era uma chatice; mas, no fundo, gostava de se aperaltar. Além disso, tinha aumentado mais cinco centímetros, não só em altura como nos pés.

Odiava o seu cabelo; o pai havia decretado que o usasse à escovinha, lembrando-lhe sempre que a escola militar era uma opção. Mas, fora isso, Zane considerava-se bastante atraente. Esperava atingir o metro e noventa quando acabasse o liceu, e talvez isso acontecesse. Assim teria a mesma altura de Graham. Graham que se referia a Ashley como «puta irlandesa de Zane», quando esta não estava por perto.

Zane ainda tinha o abdómen dorido do soco que havia levado quando cometera o erro de levantar os olhos da última vez que Graham o tinha provocado com isso.

Dois anos e dois meses, lembrou a si mesmo. Completaria dezoito anos e seria livre. Os pais achavam que ele iria para a Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, estudar Medicina. Mas nem pensar. Ia candidatar-se à Universidade da Califórnia do Sul. Não só porque ficava do outro lado do país, mas porque tinha um bom programa de basebol.

Ia candidatar-se a essa, à do estado da Califórnia, em Fullerton, e à do estado do Arizona. Se a universidade do estado do Arizona era suficientemente boa para Barry Bonds, era suficientemente boa para Zane Bigelow.

Usaria o endereço de Emily, e quando se aproximasse esse momento, dir-lhe-ia. Ela guardaria segredo; estava seguro disso. Não queria ser médico; ela compreenderia. Se conseguisse uma bolsa, as coisas poderiam funcionar. Graham não lhe pagaria os estudos, a não ser que obedecesse às suas ordens, por isso teria de conseguir bolsas de estudo.

Tinha boas hipóteses. Tinha uma média de 18 valores e sabia que o treinador o apoiaria na questão do basebol. O mais difícil para si eram a Matemática e as Ciências, mas conseguia manter as boas notas.

Nesse aspeto, ficaria em dívida para com Micah o resto da vida.

Tinha conseguido 190 pontos nos exames nacionais. Obtivera apenas 50 no de Matemática e isso valera-lhe uma bofetada com as costas da mão e um soco no estômago. Teria de voltar a fazê-lo na primavera, para levantar a nota de Matemática, mas estaria mais bem preparado.

Obrigou-se a parar de pensar no assunto. Tinha um encontro!

Os seus ombros ficaram tensos quando ouviu bater à porta do quarto, mas depois lembrou-se de que os pais nunca batiam à porta. Abriu-a e viu Britt.

— Credo, olha para ti.

— Muito estilo, certo? À exceção do cabelo de lorpa.

— Pelo menos não tens de o usar todos os dias preso num rabo de cavalo, nem de o prender num puxo para as aulas de dança. A Chloe pôde cortar o dela e espetá-lo à *punk*. Está tão giro. Eu já tenho treze anos e sou obrigada a usá-lo como se tivesse oito.

— O Micah e a Mel vão de riscas azuis condizentes esta noite.

— Bem, eles são esquisitos. — Britt sentou-se na beira da cama dele. — Então... conheces o Major Lowery?

— Sim, mais ou menos. É caloiro, joga basquetebol. Entrou na equipa principal. Porquê?

Britt enrolou a ponta do rabo de cavalo no dedo. — Por nada, estava só a perguntar.

— Poupa-me — disse Zane com uma risadinha. — Ele está no liceu. Tu, não.

— Estarei no próximo ano.

— Oh, estás apaixonada pelo Maj — disse ele num tom de gozo. — Vais ensaiar beijos ao espelho para...

— Cala-te.

Como era sua obrigação, enquanto irmão mais velho, Zane simulou beijos ruidosos. Mas parou abruptamente e virou-se para trás. — Credo, Britt, esquece isso.

— Não tens nada com isso.

Quando ela ergueu o queixo e começou a levantar-se, ele fez-lhe sinal para que se sentasse. — O Major é negro.

Ela lançou-lhe um olhar fulminante. — Se te vais armar em racista, eu...

— Ora, Britt, sabes que não é isso.

Ela levantou mais o queixo. — Pensava que sabia.

— Já ouviste como ele fala da Ashley só porque os avós dela vieram da Irlanda? Pensa nisso, pensa sobre o que ele diria, talvez até fizesse, se te visse com um miúdo negro.

Ela voltou a sentar-se na cama. — Não importa. Ele nem sequer sabe que eu existo.

Se Graham suspeitasse... — Tens de ser cautelosa. Inteligente e cautelosa. Mais cinco anos. Eu sei que parece uma eternidade, mas na verdade não é.

— A mãe diz que eu tenho de fazer um monte de coisas para ser

convidada para o baile de debutantes quando tiver dezasseis anos. O *ballet*, as notas, como me visto, como falo. Pelo menos tu podes jogar basebol. Vestidos brancos e pérolas... que se lixe isso, Zane.

Britt levantou-se novamente de um salto e ergueu as mãos. — Não sou eu. Não quero ser assim.

— Achas que eu sou assim? — Zane apontou para o cabelo. — Sê simplesmente inteligente e cautelosa. Principalmente quando eu for para a universidade. — Olhou para a porta. — Estive a pensar dizer tudo à Emily antes de me ir embora.

— Não podes. — O medo invadiu os olhos e a voz de Britt. — Ele enlouqueceria.

— É precisamente isso. Ele vai enlouquecer quando se aperceber de que eu não vou para Chapel Hill, quando se aperceber de que eu me fui embora. Pode descarregar em ti. Tu precisas de alguém aqui. A Emily ajudaria.

— O que poderia ela fazer?

— Não sei, mas alguma coisa. — Isso corroía-o constantemente, como um cão roendo um osso. — Não te vou deixar sem saber que alguém te ajudará.

— Não podes proteger-me para sempre.

— Claro que posso. Falamos disso mais tarde; não aqui em casa. Depois conversamos. Talvez também com os pais do Micah.

— Zane, não podes fazer isso. De qualquer maneira, eles não iriam acreditar em nós.

— O Dave é paramédico. Ele conhece o Graham e não me parece que simpatize com ele. Ele não diz nada, mas eu consigo perceber. Depois conversamos — repetiu ele. — Mas não vou deixá-lo fazer-te mal.

Ela ia falar, mas abanou a cabeça.

— O que foi?

— Nada. Depois conversamos. Se eles nos ouvem...

Zane havia lido histórias de prisioneiros de guerra, como tinham trabalhado secretamente em conjunto para tentarem escapar. A seu ver, ele e Britt eram prisioneiros na sua própria casa.

Mas, durante quatro horas, foi um homem livre. Desde a hora em que entrou no SUV dos Carter até voltar a sair, tudo foi normal. E divertido.

Sim, teve de bater à porta de Ashley, entrar e tirar milhões de fotografias ao lado dela. Até os avós dela estavam presentes, a tirar *mais* fotografias e a falar com os seus sotaques fixos.

E Ashley estava muito bonita, com o seu cabelo todo ondulado; disse-lhe

que a mãe lho havia frisado, fosse lá isso o que fosse. Zane disse-lhe que gostava do vestido, e era verdade porque o azul do tecido combinava com os olhos.

O comité organizador do baile tinha decorado o ginásio tendo a praia como tema. *Cavalga as Ondas! Toca a Surfar!* Isso não lhe dizia nada, mas o DJ e as luzes eram fixes.

E como Micah era o pior bailarino da história, Zane sabia que os seus passos até eram bastante bons. Gostava especialmente dos *slows*, onde só tinha de oscilar com Ashley encostada a si.

Ela já o havia deixado tocar-lhe nos seios — por cima da camisola, mas ele conseguira pôr-lhes as mãos em cima. Zane tinha esperança de que não demorasse muito mais a deixá-lo tocar neles a sério.

E pelo modo como ela lhe sorria, pensou: *Quem sabe?*

Ashley entrelaçou os braços à volta do pescoço dele e deu-lhe um ligeiro puxão, o que significava que queria um beijo. Ela sabia a gomas, cheirava a flores.

— Esta é a melhor noite de todas — murmurou ela. — Mais uma semana de escola, depois o verão.

— Três dias e meio — corrigiu ele.

— Melhor ainda. Mas... Vou sentir muitas saudades tuas quando fores de férias para Itália.

— Depois vais tu para a Irlanda. — Apertou-a mais contra ele. — Quem me dera que fôssemos ao mesmo tempo. Assim estaríamos na mesma parte do mundo.

— Tens de me escrever. Eu escrevo-te. Quem me dera que tivesses um telemóvel. Se tivesses, acho que poderíamos mandar mensagens.

— Vou tentar arranjar um. Os meus pais não vão nessa, mas podia convencer a Emily a comprar-me um em nome dela e depois pagava-lho.

E escondia-o muito bem, como os cadernos.

— Isso seria espetacular! Não me consigo imaginar a não ter um telemóvel. Tu deves sentir-te tão isolado de... tudo. É que toda a gente tem um. Os teus pais são assustadoramente severos.

Não fazes ideia. — Pois são.

— Bem. — Quando a música terminou, ela deixou-se ficar encostada a ele mais uns instantes. — Vamos ser caloiros universitários. Talvez afrouxem um pouco.

— Sim, talvez. Queres ir lá para fora um bocado e...?

Ela sorriu outra vez. Sabia o que «e...» significava. — Vamos.

Lá fora, a noite de primavera estava fresca, por isso Zane deu o casaco do fato a Ashley. Outros miúdos haviam saído para conversar, para fumar um cigarro, ou um charro, às escondidas. Ou para «e...».

Zane manteve-se afastado dos fumadores. Não valia a pena arriscar a escola militar. E afastou Ashley para o meio das sombras, o suficiente para poderem beijar-se a valer, para ele poder tocar-lhe nos seios.

E no preciso momento em que ele pensou «talvez», ela recuou. — Temos de abrandar.

O coração dela havia estado a palpitar sob as suas mãos, a sua respiração ofegante. Zane pensou que se tivesse tido só mais um minuto, quiçá somente trinta segundos...

— Eu não quero. — Ashley agarrou na mão dele. — Mas temos de abrandar.

— Eu gosto muito de ti, Ashley.

— Eu também gosto muito de ti. Mas é melhor irmos lá para dentro. Não fiques chateado.

— Não estou chateado. — Frustrado, sim, e com uma tesão tão grande que não sabia se ia conseguir andar já. — Eu entendo. É que... eu penso muito em ti. E penso em estar contigo.

Os olhos dela pareciam o lago, pensou ele quando ela o fitou. Tão serenos, tão azuis, quase aquosos.

— Eu também penso em ti. É por isso que precisamos de entrar. A minha avó tinha a minha idade quando ficou grávida do meu pai.

— Credo!

— Pois. Por isso, vamos voltar ao baile.

Ele não havia pensado em fazer aquilo... nem sequer pensara ainda no assunto como uma possibilidade. Não sabia o que pensar, sabendo agora que ela havia pensado.

E saber que ela havia pensado não o ajudava com a tesão.

— Só preciso de... ah...

Ela olhou para baixo e sorriu. Os seus aquosos olhos azuis riram-se. — Ah. Está bem. Falemos apenas em cálculo.

— Isso deve resultar.

Zane divertiu-se como nunca. Quando acompanhou Ashley à porta, recebeu um beijo a sério. E teve de pensar em cálculo para conseguir regressar ao carro sem passar vergonha.

Calculava que quando escrevesse tudo no seu caderno, iria mais ou menos reviver tudo. Além disso, teria um novo registo onde não acontecia

nenhuma merda, onde não escreveria nada sobre testes, trabalhos de casa, ou as rabecadas de Graham.

— Obrigado pela boleia — disse ele a Dave, despedindo-se de Micah com um «mais cinco» de mãos baixas.

Encaminhou-se para a porta de casa, com alguma vontade de poder simplesmente dar uma volta pelo bairro, pensar em Ashley, naquele último beijo. Mas tinha de estar em casa antes das onze e meia.

Talvez arriscasse preparar um *snack*, estritamente proibido depois do jantar, visto que depois de tanto dançar estava completamente faminto. Pensou arriscar fazer uma sanduíche, mas tinha quase a certeza de que Graham contava as fatias de presunto.

É melhor não levantar ondas, decidiu. Graham fora particularmente duro nos últimos dias. Não com bofetadas nem empurrões, mas com repreensões. Era como esperar uma mordida de um cão que ladra.

Quando Zane abriu a porta e entrou, viu-o arreganhar os dentes.

— Chegaste depois da hora imposta. — Graham estava no *hall*, com um copo de uísque numa mão e os olhos frios como gelo.

— São onze e meia, senhor.

— Onze e trinta e *quatro*. Esqueceste-te de como se vê as horas?

— Não, senhor.

— O tempo importa. Cumprir as regras importa. Saíres desta casa para te divertires é um privilégio concedido, não um direito.

— Sim, senhor. — *Dois anos e dois meses*, pensou ele, repetindo as palavras como um mantra na sua cabeça.

— O *meu* tempo importa. Achas que não tenho nada melhor para fazer do que esperar pelo meu filho porque não posso confiar que ele cumpra as regras?

O instinto alertou Zane para manter a cabeça baixa, porque havia mais qualquer coisa ali. Talvez fosse o uísque, talvez fosse o que andava a deixá-lo de mau humor nos últimos dias.

— Desculpa. Acho que demorou mais do que o previsto deixar as raparigas em casa antes...

Ele esperara o empurrão, ou pior, por isso deixou que a força o fizesse recuar alguns passos.

— Achas que eu quero ouvir desculpas? Devias ter sido suficientemente responsável para contares com o tempo, respeitares as regras. Mas, como de costume, foste irresponsável e irreverente, estás proibido de sair durante duas semanas. Acabam-se os privilégios do telefone, dos videojogos e das atividades no exterior, incluindo o basebol.

Zane levantou abruptamente a cabeça. — Senhor, nós vamos ao campeonato estatal. Vamos ganhar o campeonato pelo segundo ano consecutivo. Nós...

A presunção sobrepôs-se à repreensão. — Então, pela tua falta de responsabilidade, vais desapontar a tua escola e os teus colegas de equipa. Acabaram-se os dias de glória para ti. Tu és um merdas, Zane, sempre foste.

Zane viu então o que se passava, como se estivesse escrito a néon.

— É disso que se trata? Não queres que eu jogue, que faça parte de uma equipa vencedora, talvez até que me destaque. Então aproveitas qualquer desculpa para me afastar disso. Tu...

A bofetada com as costas da mão apanhou-o de surpresa, apenas porque se perdera na própria raiva.

— E são mais duas semanas. — Graham pôs a bebida de lado, agarrou Zane pelo peito da camisa e empurrou-o violentamente contra a porta.

E nesse momento Zane percebeu que estava certo. Os quatro minutos eram uma desculpa para lhe tirar algo que adorava. Cerrou as mãos em punhos junto ao corpo.

— Estiveste a beber?

— Não.

Graham voltou a espetá-lo contra a porta. — Não me mintas! Drogas?

— Não.

— Esgueiraste-te para os arbustos e enfiaste-o naquela putazinha, não foi?

— Não! A Ashley não é nenhuma puta.

— Não passa de uma puta e tu és demasiado estúpido para veres que ela está a tentar fisgar-te por causa do meu dinheiro. Não chegas aqui atrasado e meio vestido para me dizeres que não a fodeste.

Zane havia tirado a gravata e despido o casaco do fato, como quase todos os rapazes do baile. — Não tomei drogas, não bebi álcool e não fiz sexo. Fui a um baile da escola.

O soco no estômago doeu-lhe e deixou-o sem ar, mas ele havia-se preparado.

— Então, não és lá grande homem, se não consegues enfiar-te nas cuecas daquela putazinha irlandesa.

— Graham!

Ele nem se dignou a olhar quando ouviu o grito da mulher. — Cala-te, porra! Estou ocupado.

— A Britt está doente. Vomitou o chão todo.

— Trata disso!

— Graham, ela está a vomitar, está histérica. Faz alguma coisa!

— Ah, podes ter a certeza que farei. — Desviou Zane com um empurrão e subiu a escada a passos largos.

Zane observou, quase indiferentemente, Graham usar os punhos e Eliza gritar e tentar afastá-lo com palmadas. *Que se estraçalhem como animais*, pensou ele. Só precisava de passar por eles e chegar a Britt.

Começou a subir os degraus, fazendo cálculos, mas os gritos, os socos e os palavrões fizeram Britt aparecer a correr. Pálida como um fantasma, a jovem tapou os ouvidos. — Parem, parem. Por favor. Não consigo suportar. Não consigo suportar isto.

Desta vez foi Britt quem apanhou a violenta bofetada com as costas da mão. Quando ouviu o choro da irmã, e a viu cair, Zane sentiu algo estalar dentro de si. Subiu furiosamente as escadas, em brasa. No momento em que Graham se virou para responder ao ataque, os punhos de Zane voaram.

— Vê se gostas.

Os músculos que ele treinara durante mais de um ano impulsionaram-lhe os punhos e o prazer obscuro de ver o choque no rosto de Graham, e o sangue que o salpicava, impeliram-no a continuar.

Gritos, todos gritavam. Ele não parou, não conseguiu parar até derrubar o homem que havia feito da sua vida um inferno.

Algures, ao longe, ouviu Britt gritar por socorro, gritar o endereço. Sentiu as unhas de Eliza rasgarem-lhe o rosto, mas não parou.

Então sentiu-se cair, voar escada abaixo. O seu cotovelo bateu num degrau como um martelo bate num prego. Zane sentiu algo fender, quebrar, estilhaçar, e quando a cabeça bateu noutra, a dor foi fulminante.

Atordoado, tentou levantar-se, conseguiu ajoelhar-se e erguer os punhos trémulos para se defender.

Mas Graham não o atacou. Não havia ninguém no topo das escadas. E Britt tinha parado de gritar.

Percebendo que isso podia significar algo pior, levantou-se com dificuldade e voltou a cair. Apercebeu-se de que havia algo de errado com o seu tornozelo e começou a rastejar.

Quando chegou à base das escadas viu Graham arrastar Britt pelo chão... segurando-a pelos cabelos. Tinha a maleta médica na outra mão.

Ela não se debatia, não chorava, não se mexia e, pela primeira vez, Zane temeu pela vida da irmã.

— Não voltes a tocar-lhe, filho da puta.

— A culpa disto é tua — disse Graham numa voz monótona e calma, e começou a descer as escadas. — Agora já não será a escola militar. Desejarás que fosse, mas é demasiado tarde. — Parou junto de Zane e inclinou a cabeça enquanto o estudava. — Sais ao lado da tua mãe; na aparência, na falta de ambição, na tua fraca atitude. Tenho sérias dúvidas de que sejas meu filho biológico.

— Espero que tenhas razão.

O pontapé no estômago de Zane foi quase descontraido.

— Mas, legalmente, sou teu pai e sou um líder respeitado desta comunidade. As ações têm consequências. Estás prestes a sofrer as consequências pelas tuas ações.

— Vai à merda mais as tuas consequências. O que fizeste à Britt, canalha?

— Não, *filho*, o que fizeste tu.

Ouviram-se sirenes. *Graças a Deus, graças a Deus*, pensou Zane. Britt havia chamado ajuda. Devia ter ligado para o número de emergência.

— Vão trancar-te longe daqui.

Graham riu-se por entre dentes, abanou a cabeça enquanto pousava a maleta e encaminhou-se para a porta. — Ninguém tão estúpido como tu poderia ser do meu sangue.

» Eliza!

— Sim. Sim, Graham.

— Faz e diz exatamente o que eu te mandar.

Abriu a porta, respirou fundo e saiu a correr.

— Aqui! Aqui! — Lá fora, Graham acenou com os braços para o carro da polícia. Fez a voz tremer e conseguiu verter umas lágrimas.

Não ficou surpreendido ao ver o chefe de polícia Tom Bost sair do carro. Afinal, havia-se feito amigo do homem. E considerava-o um idiota útil.

Não havia razão para não incutir mais algum dramatismo, pensou Graham, e dobrou-se, apoiando as mãos nos joelhos, como se estivesse a recuperar o fôlego.

— Meu Deus, Graham. Que diabo aconteceu? A tua família...

— Tom, oh, meu Deus, Tom. Precisamos de uma ambulância.

— Vem a caminho.

— O Zane... Não... não posso... Ele atacou a mãe. Atacou-a com socos, Tom. Depois a nossa querida Britt. Eu corri escada acima para o deter. Lutámos. Lutámos. Ele caiu pelas escadas. Tive de dar um sedativo à Britt. O meu menino está ferido, Tom. Está ferido. E acho que ele perdeu o juízo.

— Espera. Não saias daqui. — Tom fez sinal a um dos seus agentes.

Sim, de facto, um telefonema dos Bigelow para o número de emergência havia mobilizado polícia, pensou Graham enquanto abanava a cabeça e coxeava atrás de Tom em direção à casa.

— Tom. Tom. — No cimo das escadas, Eliza segurava uma Britt inerte nos braços. — Precisamos de uma ambulância. A minha bebé. A minha menina!

— Vem aí. Credo, Zane. — Tom agachou-se. — O que te passou pela cabeça? Tomaste drogas?

— Não. Não. Ele estava a bater-lhe outra vez e depois foi atrás da Britt. Tentei impedi-lo.

— Como podes dizer uma coisa dessas? — Chorosa, Eliza embalava Britt nos braços. — O Graham nunca me levantou a mão, nem aos filhos! Oh, Deus do Céu, Zane, o que fizeste tu?

Estupefacto, Zane só conseguiu fitá-la. — Ela está a mentir. Ela está a mentir por ele.

— Ele chegou a casa do baile da escola. Eu tinha ficado acordada à espera dele; a Britt estava doente, a vomitar. Eu estava a tentar cuidar dela e disse-lhe que não podia falar com ele naquele momento. Ele pura e simplesmente... ele teve um acesso de fúria. Bateu-me. — Levou uma mão trémula ao rosto.

Segurando com cuidado o braço ferido, Zane sentiu algo morrer dentro de si.

— O que és tu? Que espécie de mãe és tu?

— Ele sempre teve ciúmes da Britt, mas eu não fazia ideia... — Eliza apertou Britt contra si e começou a soluçar.

Um par de paramédicos entrou a correr.

— Cuidem delas primeiro — alertou Tom.

Graham agarrou na sua maleta médica. — Quero-os transportados para o hospital.

— E tu vais também — disse Tom.

Graham anuiu com a cabeça. — Preciso de falar contigo, Tom. Lá fora. Ele diz que não tomou drogas, nem bebeu álcool — disse Graham aos paramédicos. — Mas não tenho a certeza disso. Ele fê-lo noutras ocasiões.

— Isso é mentira!

— Calma, Zane.

Zane reconheceu o paramédico; Nate, um amigo de Dave. — Eu não fiz isto. Juro por Deus que não fiz isto.

— Muito bem, rapaz, agora vamos tratar de ti.

Zane fechou simplesmente os olhos. — Eu não fiz isto.

— Não estão autorizados a dar-lhe medicação para as dores — disse Graham enquanto saía com Tom. — Têm de fazer um exame toxicológico. Não se pode confiar no que ele diz.

— Eu não uso drogas. — Agora não havia lágrimas, só fadiga. — Não bebo. Se usarmos drogas ou bebermos álcool, somos expulsos da equipa. Nós vamos ao campeonato estatal.

Zane sentia dores, sentia dores outra vez, e isso trouxe-lhe à memória o dia 23 de dezembro. Mas sentiu algum alívio quando lhe imobilizaram o braço e o tornozelo.

Colocaram-no na maca e começaram a levá-lo para a ambulância. Tom regressou, rosto severo. — Preciso de o algemar.

— Credo, chefe. — Nate pousou uma mão no ombro saudável de Zane. — Ele tem um braço partido, talvez um cotovelo desfeito. É provável que tenha uma fissura no tornozelo. Mesmo que não tenha, é uma entorse grave. Não conseguiria apoiar-se nesse pé. Tem um traumatismo craniano e está em estado de choque. Onde diabo iria ele?

— São os procedimentos. — Dito isto, Bost espetou o queixo. — Ele está acusado de agressão, três vezes.

Zane olhou fixamente para os olhos de Tom enquanto este lhe algemava o pulso à maca. Não viu neles sinal de compaixão nem sombra de dúvida. Tal como o pai sempre lhe havia dito.

Ainda assim, tentou. — Eu não fiz isto.

— Zane, o teu pai e a tua mãe contaram-me a mesma história. A tua irmã está sedada, mas falarei com ela amanhã. — Bost apertou uma mão a Zane como se isso pudesse confortá-lo ou tranquilizá-lo. — Vamos dar-te a ajuda de que precisas.

Empurraram a maca para o interior da ambulância. Havia vizinhos por toda a parte; Zane podia ouvi-los. Quem acreditaria em si? Nenhum deles. Ninguém.

Olhou para o céu. As mesmas estrelas que contemplara com Ashley. Mas nada estava igual como antes. Agora já nada seria igual.

Ouviu passos de corrida e começou a encolher-se. O pai vinha acabar com ele.

Ninguém o impediria.

Mas foi Dave quem lhe agarrou na mão.

— Zane. Vai ficar tudo bem.

— Eu não bati na Britt. Não a magoei, nem magoei a nossa mãe.

— Claro que não. Por que diabo está ele algemado?

— Precisas de te afastar, Dave.

— Que diabo, chefe? Deixei aqui este miúdo há menos de meia hora. Ele e o meu filho foram ao baile do liceu. Divertiram-se. Como é que te magoaste, Zane?

— Ele estava a bater nela outra vez. Começou comigo, depois passou para ela. E, desta vez, bateu na Britt. Não podia deixá-lo fazer isso. Tentei pará-lo.

Zane viu nos olhos de Dave o que não vira nos do chefe Bost: confiança.

— Onde diabo está Graham Bigelow?

— A caminho do hospital, juntamente com a mulher e a filha. Isto agrada-me tanto a mim como a ti, Dave, mas o Zane está acusado de agressão. Vai receber tratamento médico e depois vai para Buncombe.

— Deus do Céu, Tom, tu conheces este miúdo.

Bost manteve-se firme. — Também conheço os pais dele e ambos deram depoimentos. Não tenho alternativa, Dave. Ele está acusado e o juiz Wallace emitiu o mandado. Tens de te afastar.

— Uma ova. Sou paramédico. Vou com ele. Alguém tem de defender este miúdo. — Dave entrou na parte de trás da ambulância e ajudou a subir a maca. — Diz-me qual é o estado dele, Nate.

Zane procurou a mão de Dave. — Ele é um monstro — conseguiu ele dizer enquanto as portas se fechavam.

— Quem, campeão?

— O Graham Bigelow. Ele é um monstro. A Eliza também. Monstros. Não os deixe fazer mal à minha irmã.

— Não te preocupes. Agora acalma-te. Deixa-nos cuidar de tudo.

— A Emily. — Alguém acreditava em si, pensou Zane, e voltou a fechar os olhos. Alguém. Isso despertou nele um raio de esperança que lhe doeu quase tanto como o braço. — Precisa de dizer à Emily. Precisa de telefonar à Emily e dizer-lhe o que aconteceu. Por favor.

— Farei isso. Não te preocupes agora.

— Ela tem de tomar conta da Britt. Já não poderei protegê-la.

Zane sentiu os olhos encherem-se de lágrimas quando Dave lhe acariciou a cabeça, por isso virou o rosto e deixou-se ir.